

08

DA GUERRA DA DESINFORMAÇÃO À DESINFORMAÇÃO NA GUERRA:

UMA ANÁLISE AOS *FACT-CHECKS*
REALIZADOS PELO POLÍGRAFO NOS
PRIMEIROS SEIS MESES DOS CON-
FLITOS RUSSO-UCRÂNIANO
E ISRAELO-PALESTINIANO

DA GUERRA DA DESINFORMAÇÃO À DESINFORMAÇÃO NA GUERRA: UMA ANÁLISE AOS *FACT-CHECKS* REALIZADOS PELO POLÍGRAFO NOS PRIMEIROS SEIS MESES DOS CONFLITOS RUSSO-UCRANIANO E ISRAELO-PALESTINIANO

Ricardo Morais

RESUMO

Este estudo analisa o papel do fact-checking em conflitos armados, especificamente nas guerras Russo-Ucraniana e Israelo-Palestiniana. A investigação foca-se nas verificações realizadas pelo Polígrafo e publicadas na rede social digital Facebook, durante os primeiros seis meses de cada conflito. O principal objetivo é identificar o tipo e a origem dos conteúdos verificados, comparando a quantidade, natureza e alcance das verificações realizadas em cada conflito. A investigação procura também avaliar o impacto do fact-checking no combate à desinformação em tempos de guerra, explorando a hipótese de que esta verificação externa pode ser crucial para desconstruir narrativas falsas ou descontextualizadas que acabam por dominar a opinião pública. A análise das publicações do Polígrafo no Facebook revela que a maioria das verificações se concentrou em desmentir informações falsas ou enganosas que circulavam nas redes sociais, muitas vezes com o objetivo de influenciar a opinião pública ou manipular os factos. O estudo conclui que, apesar do ceticismo existente em relação ao fact-checking, este pode desempenhar um papel crucial no combate à desinformação e na promoção de um debate público mais informado em contextos de crise.

PALAVRAS-CHAVE

fact-checking; conflitos; desinformação; russia-ucrânia; israel-palestina

INTRODUÇÃO

Nesta investigação procuramos explorar e analisar as verificações que foram feitas durante os primeiros seis meses dos conflitos Russo-Ucraniano (a partir da invasão que teve lugar a 24 de fevereiro) e Israelo-Palestiniano (a partir do ataque de 7 de outubro por parte do Hamas). O presente trabalho enquadra-se assim no âmbito do *fact-checking* e, em particular, naquele que tem sido chamado de “*fact-checking* de guerra” ou “*fact-checking* bélico” (Magallón-Rosa, 2023). Os *fact-checks* que pretendemos analisar são recolhidos a partir das publicações daquele que é o único projeto nacional dedicado exclusivamente à verificação de factos, o Polígrafo. Considerando que é nas redes sociais digitais que circula grande parte da desinformação e informação incorreta (TrusLab, 2023; Maldita.es, 2023; EU Disinfo Lab, 2022; Wardle & Drakshan, 2019), é também a partir de uma dessas redes, o Facebook, que fazemos a recolha das verificações publicadas. Assim, através da análise da página do Polígrafo no Facebook foi possível identificar, no período indicado, um total de 201 publicações únicas relativas a *fact-checks* sobre o conflito Rússia-Ucrânia, na sequência da invasão por parte da Rússia, e 23 *posts* únicos com verificações sobre o conflito Israel-Palestina, na sequência do ataque do Hamas. As publicações foram de seguida analisadas com base num conjunto de critérios quantitativos e qualitativos. A presente investigação assume-se assim como um estudo de caso (Yin, 1994; Coutinho, 2015) que procura identificar o tipo e origem dos conteúdos verificados nos primeiros seis meses dos dois conflitos, estabelecendo uma comparação entre a quantidade, a natureza e o alcance das verificações realizadas. Consideramos também, como hipótese de trabalho, que os *fact-checks* realizados e publicados pelo Polígrafo procuraram sobretudo desconstruir um conjunto de narrativas que se tornaram dominantes na opinião pública portuguesa

e internacional, mas que na sua maioria não correspondem à verdade porque estão descontextualizadas. Neste contexto, e embora estudos anteriores realcem que existe desconfiança e até mesmo cepticismo em relação ao *fact-checking* (Baptista et al., 2023), indagamos sobre a possibilidade de em determinados contextos de risco ou crise, como aqueles vividos durante a pandemia e, mais recentemente, com a guerra na Europa e o novo episódio do conflito no Médio-Oriente, o *fact-checking* externo pode ser determinante no combate à guerra, que se regista num novo campo de batalha que é o informacional.V

DESORDEM DA INFORMAÇÃO, FACT-CHECKING E AS VERIFI- CAÇÕES SOBRE A GUERRA

Nos últimos anos muito se tem falado sobre desinformação, e embora o conceito não seja novo, tendo as suas primeiras manifestações já na Roma Antiga (Ireton & Posetti, 2019; Posetti & Matthews, 2018), a verdade é que a explicação para a relevância que o conceito alcançou na atualidade resulta, em grande medida, do novo ecossistema mediático. Pelo menos desde 2016 que ficou claro que “a infraestrutura de informação online era particularmente permeável à desinformação e à informação incorreta” (Mantzaris, 2019, p. 89). É por isso que quando falamos de desinformação estamos na realidade apenas a revisitar “uma história antiga”, ainda que agora “fomentada por tecnologias novas”, que têm o poder de transformar “a informação em armamento em uma escala sem precedentes” (Ireton & Posetti, 2019, p. 16). É precisamente a dimensão e impacto que a desinformação tem na atualidade,

que tornam esta já conhecida história, num novo e inquietante objeto de estudo. A este propósito importa lembrar que apesar de durante muito tempo se ter falado de notícias falsas, o conceito constitui “um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação” (Berger, 2019, p. 7) e, nesse sentido, é mais correto falar em “desordem da informação”, porque essa expressão engloba os conceitos de desinformação, informação incorreta e má-informação. Como referem Wardle e Derakhshan (2019), “a informação incorreta” remete para “informação falsa que a pessoa que está divulgando acredita ser verdadeira”, enquanto a “desinformação é uma informação falsa e a pessoa que a divulga sabe que é falsa” (pp. 46-47). São precisamente estes os conceitos que consideramos neste trabalho, apesar de, como referem os autores, “não obstante as distinções acima, as consequências no ambiente da informação e na sociedade podem ser semelhantes (por exemplo, corrompendo a integridade do processo democrático, reduzindo as taxas de vacinação)” (p. 48).

Neste contexto, e se é verdade que “a disseminação da desinformação e da informação incorreta é possível em grande parte por meio de redes e mensagens sociais” (Berger, 2019, p. 8), não podemos ignorar o facto de estas plataformas continuarem a ser utilizadas como principal fonte de informação por um número significativo de pessoas (Cardoso et al., 2023). Esta mudança nos consumos noticiosos, que já seria, só por si, preocupante, surge aliada a um cenário em que os conteúdos falsos circulam mais depressa do que os verdadeiros, para além de serem mais atrativos e, por isso, mais facilmente partilhados do que estes (Vosoughi et al. 2018; Baptista & Gradim 2022; Baptista et al., 2023a). As transformações no ecossistema informativo acabam por tornar-se explosivas quando consideramos o conjunto de dificuldades que o jornalismo enfrenta e que colocam em causa a sua autoridade e credibilidade enquanto principal fonte de informação de confiança (Baptista et al., 2023a; Morais & Grafolin, 2023). Assim, podemos dizer que o crescimento e alcance da desinformação e da informação incorreta, o consumo e partilha de conteúdos noticiosos através

dos media sociais, a falta de espírito crítico e literacia mediática por parte dos utilizadores, a desconfiança nas instituições que garantiam a qualidade da informação, são também alguns dos fatores que ajudam a explicar o surgimento do *fact-checking*, sobretudo da sua segunda vaga, concentrada “tanto em verificar fatos de declarações públicas quanto em desmascarar essas fraudes virais” (Mantzaris, 2019, p. 89). Embora a prática não seja nova, desde logo porque a verificação é inerente ao trabalho jornalístico (Palacios, 2019; Almeida-Santos et al., 2023; Morais & Grafolin, 2023), o tipo de verificação que cresceu nos últimos anos, e se popularizou, foi a “verificação ex post”, cuja origem está ligada sobretudo ao *fact-check* de “anúncios políticos, discursos de campanha e manifestos partidários” e, num segundo momento, “à infecção global das chamadas fake news” (Mantzaris, 2019, p. 89).

De acordo com os últimos dados do Duke Reporter’s Lab são 417 os projetos de *fact-checking* que se encontram ativos, fazendo verificação em mais de 100 países e em 69 línguas (Stencel et al., 2023). Apesar de um número considerável desses projetos se encontrar associado a meios de comunicação, o que pode levar ao questionamento do papel do jornalismo (Palacios, 2019; Berger, 2019; Morais & Grafolin, 2023), a verdade é que esta se tornou uma prática relevante, sobretudo devido à quantidade de “informação potencialmente falsa cuja disseminação é amplificada pelas redes sociais online” (Almeida-Santos et al., 2023, p. 264). Neste trabalho centramo-nos precisamente na análise dos *fact-checks* externos, ou seja, analisamos a verificação não enquanto “processo de verificação de dados que faz parte do processo de construção de uma peça jornalística, de acordo com as boas práticas da profissão” (Almeida-Santos et al., 2023, p. 269), mas enquanto algo que é feito à posteriori com o objetivo de ajudar a verificar a veracidade dos conteúdos que circulam online. O trabalho surge assim na linha dos estudos que têm considerado o *fact-checking* como um novo género jornalístico e discursivo (Almeida-Santos et al., 2023) e em particular no seguimento daqueles que têm realçado a importância de distinguir entre informação

falsa e informação fidedigna. Assim, e depois de terem sido vários os estudos que analisaram a relevância do *fact-checking* no contexto da pandemia de Covid-19 (Almeida-Santos et al., 2023; Rivas-de-Roca & Pérez-Curiel, 2023; Sousa et al., 2022; Pérez-Díaz et al., 2022; Ferreira & Amaral, 2022) mais recentemente têm surgido estudos que destacam o papel daquilo a que chamam de “*fact-check* de guerra ou bélico” (Magallón-Rosa et al., 2023) e que, tendo como ponto de partida a invasão da Ucrânia por parte das tropas Russas em fevereiro de 2022, estudam as verificações feitas a propósito desta guerra (Baptista et al., 2023a; Burel & Alani, 2023; Zeng et al., 2024). Esta investigação surge nesse âmbito, considerando também que as plataformas sociais se tornaram, no âmbito dos conflitos, como já tinha acontecido com a pandemia, em fontes de informação e canais centrais para a circulação de conteúdos que, no entanto, nem sempre correspondem à verdade. Por outro lado, não podemos ignorar a crescente presença de conteúdos gerados pelos utilizadores no âmbito dos conflitos, a própria utilização das plataformas pelos jornalistas para os relatos dos acontecimentos, nem as estratégias de propaganda utilizadas pelos países envolvidos nos conflitos (Magallón-Rosa et al., 2023; Baptista et al., 2023a).

METODOLOGIA E DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Como tivemos oportunidade de referir anteriormente, a presente investigação tem como principal objetivo explorar e analisar as verificações que foram feitas durante os primeiros seis meses dos conflitos Russo-Ucraniano (que no âmbito deste artigo se considera que teve início com a invasão por parte

da Rússia a 24 de fevereiro de 2022) e Israelo-Palestiniano (que no âmbito deste artigo remete para os episódios de 2023, nomeadamente a partir do ataque do Hamas a 7 de outubro de 2023). A partir deste objetivo principal definimos um conjunto de perguntas de investigação que orientaram o estudo e que passaram por perceber:

(PI₁): Que tipos verificações foram realizadas pelo Polígrafo a propósito dos conflitos entre Rússia-Ucrânia e Israel-Palestina e como foram classificadas?

PI₂: Que tipos de desinformação e informação incorreta são dominantes nas verificações efetuadas sobre os conflitos?

PI₃: Qual a origem das informações que são verificadas a respeito dos dois conflitos?

PI₄: Que tipo de conteúdos são mais verificados durante os primeiros seis meses?

PI₅: Quais os atores e temas dominantes nas informações verificadas sobre a guerra na Europa e o novo episódio do conflito no Médio-Oriente?

Para além deste conjunto de questões de investigação, foram ainda consideradas quatro hipóteses, a partir do objetivo já definido. Foram assim formuladas as seguintes hipóteses de investigação.

HI₁: Os *fact-checks* realizados pelo Polígrafo focam-se sobretudo na identificação de informações falsas que circulam nas redes sociais digitais, o que pode contribuir para a criação de determinados enquadramentos sobre os conflitos Russo-Ucraniano e Israelo-Palestiniano.

HI₂: A grande maioria das verificações realizadas apresentam características comuns quanto ao tipo de desinformação e informação incorreta, origem e conteúdo.

HI3: A desinformação e informação incorreta veiculada sobre os conflitos apresentam características comuns em termos de origem e conteúdo.

HI4: Nas informações verificadas sobre os conflitos entre Rússia-Ucrânia e Israel-Palestina, existe um foco em assuntos e atores da realidade portuguesa.

Depois de apresentarmos os objetivos, perguntas e hipóteses de investigação, importa recordar que o presente trabalho se assume como um estudo de caso, uma vez que se trata de “um plano de investigação que envolve o estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o ‘caso’” (Coutinho, 2015, p. 335). No contexto deste trabalho, o caso é o projeto de *fact-checking* escolhido, o Polígrafo. Em termos de tipologia e considerando a literatura sobre esta estratégia de investigação, podemos dizer que estamos perante um estudo de caso instrumental, na medida em que “o caso é examinado para fornecer introspeção sobre um assunto”, ou seja, “para proporcionar conhecimento sobre algo que não é exclusivamente o caso em si”, mas serve “como um instrumento para compreender outro(s) fenómeno(s)” (Coutinho, 2015, p. 338). Nesta investigação o caso serve como instrumento para se analisar e compreender as verificações que foram feitas sobre os conflitos. No âmbito do estudo de caso “investiga-se o fenómeno no seu ambiente natural” e, para isso, “múltiplas fontes de evidência são usadas” (Yin, 1994, p. 13). Neste caso particular as fontes utilizadas são as publicações efetuadas pelo projeto de *fact-checking* na sua página na rede social Facebook.

O estudo de caso pode recorrer a várias técnicas para a recolha de dados e, nesse sentido, importa explicar todos os procedimentos considerados para a seleção do caso, constituição do corpus e análise. A escolha do Polígrafo surge como natural, não apenas porque, como referimos anteriormente, este é o único projeto nacional dedicado exclusivamente ao *fact-checking*, mas também porque integra um conjunto de redes internacionais de verificação, como são os casos da *International Fact-Checking*

¹ Mais informações, sobre a integração do Polígrafo na *International Fact-Checking Network (IFCN)*, disponíveis em: <https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/profile/poligrafo> Consultado a 23 de abril de 2024.

² Mais informações sobre a integração do Polígrafo na *European Fact-Checking Standards Network (EFCSN)* disponíveis em: <https://efcsn.com/verified-members/> Consultado a 23 de abril de 2024.

³ Mais informações, sobre a integração do Polígrafo na rede mundial de parceiros do Facebook, disponíveis em: <https://poligrafo.sapo.pt/institucional/poligrafo-adere-a-rede-mundial-de-parceiros-do-facebook/> Consultado a 23 de abril de 2024.

*Network (IFCN)*¹ e da *European Fact-Checking Standards Network (EFCSN)*², tendo também já feito parte da rede mundial de parceiros do Facebook, ao abrigo do programa “Third Party”, que tinha como objetivo verificar a veracidade das notícias que circulam naquela rede social³ entre outros programas internacionais de verificação⁴ como a *CoronaVirusFactsAlliance* ou a *Latam-Chequea Coronavirus*⁵. Por outro lado, o Polígrafo está também associado a outros projetos, como são os casos do *Iberian Digital Media Observatory (IBERIFIER)*⁶, do *European Digital Media Observatory (EDMO)*⁷ ou da *#UkraineFacts*⁸, neste último acaso através da IFCN, e dedicado a verificar conteúdos que circulam nas redes sociais digitais relacionados com a guerra na Ucrânia.

Já para a escolha do corpus, concentrámo-nos no levantamento das publicações que o Polígrafo fez na sua página no Facebook, tendo optado por esta rede, não apenas por “continuar a liderar o espectro das redes sociais, em termos de utilização geral e para consumo de notícias” (Cardoso et al., 2023, p. 30), mas também porque pretendíamos olhar para uma das plataformas que tem sido identificada como uma daquelas onde circulam mais conteúdos falsos, apenas atrás da rede X, antigo Twitter (TrustLab, 2023)⁹. Para a identificação das publicações recorreremos à ferramenta *CrowdTangle*¹⁰, propriedade da Meta, que ajuda na identificação e recolha de conteúdos públicos disponíveis nas redes sociais digitais. Para a pesquisa das publicações considerámos os termos Ucrânia-Rússia e Israel-Palestina, restringido a procura aos primeiros seis meses de cada um dos conflitos: no caso do conflito na Europa a pesquisa foi feita de 01 de fevereiro de 2022 a 31 de agosto de 2022; no caso do novo episódio no conflito no Médio-Oriente a pesquisa foi feita de 01 de outubro de 2023 a 30 de abril de 2024. Importa explicar que nesta definição dos períodos considerámos meses completos, apesar de a invasão da Ucrânia pela Rússia ter acontecido apenas a 24 de fevereiro de 2022, e o ataque pelo movimento islamista Hamas ter acontecido apenas a 7 de outubro de 2023.

A partir destes termos de pesquisa e considerando estes períodos foi possível obter dados distintos. No caso do conflito

⁴ Mais informações, sobre a participação do Polígrafo no Facebook Journalism Project, disponíveis em: <https://poligrafo.sapo.pt/institucional/facebook-lanca-desafio-de-acelerador-para-14-parceiros-de-verificacao-de-factos-que-incluem-o-poligrafo/> Consultado a 23 de abril de 2024.

⁵ Mais informações, sobre a participação do Polígrafo em redes relacionadas com a verificação de falsidades sobre as vacinas e o Covid-19, disponíveis em: <https://poligrafo.sapo.pt/institucional/poligrafo-integra-plataforma-internacional-de-fact-checking-sobre-covid-19-em-lingua-portuguesa/> Consultado a 23 de abril de 2024.

⁶ Mais informações, sobre o *Iberian Digital Media Observatory (IBERIFIER)* disponíveis em: <https://iberifier.eu/observatorio/> Consultado a 23 de abril de 2024.

⁷ Mais informações, sobre o *European Digital Media Observatory (EDMO)*, disponíveis em: <https://edmo.eu/about-us/associated-institutions/> Consultado a 23 de abril de 2024.

⁸ Mais informações, sobre a base de dados *#UkraineFact*, disponíveis em: <https://ukrainefacts.org> Consultado a 23 de abril de 2024.

Rússia-Ucrânia (recolha a 04 de abril de 2024), a ferramenta identificou que nos primeiros seis meses foram feitas 467 publicações por parte do Polígrafo, sendo que dessas, 258 foram repetidas, ou seja, uma determinada publicação é replicada em diferentes horários e dias. Eliminadas as publicações repetidas, foi possível identificar 209 posts únicos, sendo que desses, apenas 201 dizem efetivamente respeito a verificações, na medida em que os restantes 8 remetem para outro tipo de conteúdos como entrevistas ou análises¹¹. Já no caso do episódio recente do conflito Israel-Palestina (recolha a 08 de abril de 2024), considerando os primeiros seis meses, identificámos um total de 39 publicações, sendo que neste caso 14 são repetidas, de acordo com a lógica já referida de republicação de conteúdos, o que nos deixou com 25 posts únicos, sendo que desses 2 não se tratam de verificações. O corpus total de análise é assim constituído por 224 publicações (201 fact-checks sobre o conflito Rússia-Ucrânia e 23 sobre o conflito Israel-Palestina).

Identificado o corpus, foi necessário definir um conjunto de categorias para a análise que pretendíamos efetuar, começando com os vereditos do Polígrafo, ou seja, qual a classificação atribuída pelo projeto às informações verificadas, de acordo com a escala de avaliação que o projeto segue; os tipos de desinformação ou informação incorreta, seguindo a classificação de Wardle e Drakshan (2019); a origem da informação verificada; o tipo de conteúdos que estão origem da verificação; as figuras ou protagonistas em destaque na informação que é verificada; a temática das informações verificadas.

Como é possível observar através da tabela, a grande maioria das categorias tem um conjunto de indicadores associados, mas noutros casos falamos de indicadores quantitativos, como acontece com os gostos comentários e partilhas, na medida em que nos limitamos a indicar a quantidade de interações em relação às publicações. Por outro lado, no caso dos atores e das temáticas, não existem indicadores pré-definidos, sendo a análise, que assume neste ponto uma dimensão mais qualitativa, que nos dará a indicação dos aspetos que serão considerados.

⁹ Mais informações, sobre o estudo realizado pela startup TrusLab sobre as redes com maior circulação de desinformação, disponíveis em no relatório *Code of Practice on Disinformation*: <https://disinfocode.eu/wp-content/uploads/2023/09/code-of-practice-on-disinformation-september-22-2023.pdf> Consultado a 23 de abril de 2024.

¹⁰ Mais informações, sobre a ferramenta CrowdTangle, disponíveis em: <https://help.crowdtangle.com/en/articles/4201940-about-us> Consultado a 23 de abril de 2024.

¹¹ Exemplo de uma publicação que não diz respeito a uma verificação. Link para o post do Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/967259350650196/> Link para a publicação no website do Polígrafo: <https://poligrafo.sapo.pt/internacional/francesco-malavolta-ha-uma-triste-diferenca-entre-quem-foge-da-ucrania-e-os-sirios-vistos-como-refugiados-de-2-a-classe/?q=/internacional/artigos/francesco-malavolta-ha-uma-triste-diferenca-entre-quem-foge-da-ucrania-e-os-sirios-vistos-como-refugiados-de-2-a-classe&/#Echo-box=1649332063>

Categorias	Indicadores	Descrição
Avaliação do Polígrafo	Verdadeiro	“Quando a declaração analisada é totalmente verdadeira”.
	Verdadeiro, mas...	“Quando a declaração analisada é estruturalmente verdadeira, mas carece de enquadramento e contextualização para que seja totalmente percebida”.
	Impreciso	“Quando a informação contém elementos que distorcem, ainda que de forma ligeira, a realidade”.
	Descontextualizado	“Quando a informação é retirada do seu contexto real com o objetivo de lhe dar um sentido sem sustentação factual”.
	Manipulado	“Quando a informação – sobretudo em formato de imagem – é trabalhada, por exemplo, através do recurso a ferramentas de edição de imagem, com a finalidade de a distorcer”.
	Falso	“Quando a afirmação é comprovadamente errada”.
	Pimenta na Língua	“É o grau máximo de falsidade. Esta classificação só é atribuída quando a informação avaliada é escandalosamente falsa ou é uma sátira, publicada num espaço satírico”.
Tipos de desinformação ou informação incorreta	Sátira ou Paródia	“A sátira e a paródia podem ser consideradas como uma forma de arte. No entanto, em um mundo onde as pessoas cada vez mais recebem informações por meio de seus feeds sociais, há confusão quando não se compreende que um site é satírico” (Wardle & Derakhshan, 2019, p. 51).
	Conteúdo Enganador	“Quando há um uso enganoso de informações para enquadrar problemas ou indivíduos de determinadas maneiras cortando fotos ou escolhendo citações e estatísticas seletivamente” (Wardle & Derakhshan, 2019, p. 50).
	Conteúdo Impostor	“Quando jornalistas têm as suas assinaturas em artigos que não escreveram ou logótipos de organizações são usados em vídeos ou imagens que não criaram” (Wardle & Derakhshan, 2019, p. 51).

Tipos de desinformação ou informação incorreta	Conteúdo Fabricado	“Em formato de texto, como os “sites de notícias” completamente fabricados (...) ou pode ser visual” (Wardle & Derakhshan, 2019, p. 52).
	Conexão Falsa	“Quando títulos, imagens visuais ou legendas não suportam o conteúdo, é um exemplo de conexão falsa. O exemplo mais comum desse tipo de conteúdo é de manchetes clickbait” (Wardle & Derakhshan, 2019, p. 51).
	Contexto Falso	“Uma das razões pelas quais o termo fake news é inútil, é porque conteúdos genuínos são frequentemente vistos sendo reciclados fora de seu contexto original” (Wardle & Derakhshan, 2019, p. 51).
	Contexto Manipulado	“Quando conteúdo genuíno é manipulado para enganar” (Wardle & Derakhshan, 2019, p. 52).
Origem da informação verificada	Redes Sociais	Identificação da origem da informação verificada, com a indicação da rede social digital onde surge pela primeira vez, e embora se possa ter sido reproduzida, posteriormente, noutras plataformas. As verificações podem também resultar de declarações de atores ou figuras relacionadas com os conflitos, programas de televisão ou a pedido dos leitores, naquilo a que se poderia chamar de “fact-checking on demand” (Almeida-Santos et al., 2023).
	Facebook	
	X	
	Instagram	
	TikTok	
	YouTube	
	Telegram	
	Televisão	
	Declarações	
	Pedidos de leitores	

Tipologia de conteúdos	Texto	Identificação do tipo de conteúdos da publicação original e que é verificada por parte do Polígrafo. As publicações podem ser compostas apenas por texto, fotografias ou vídeos, ou reunir vários destes elementos. Algumas verificações versam sobre declarações de atores ou figuras relacionadas com os conflitos, que foram neste âmbito consideradas como um conteúdo particular.
	Fotografia	
	Texto e Fotografia	
	Texto e Gráfico	
	Texto e Mapa	
	Vídeo	
	Declarações	
Figuras ou protagonistas em destaque	Qualitativo	Identificação das figuras ou protagonistas em destaque nas publicações verificadas, sendo a avaliação feita a partir do título do post e da explicação do que foi verificado.
Tema das informações verificadas	Qualitativo	Identificação das principais temáticas das publicações verificadas, considerando para o efeito a informação disponível no título do post, a explicação do que foi verificado e as narrativas que se tornaram dominantes no “fact-checking bélico”.

Tabela 1. Grelha de análise dos fact-checks

Depois de termos explicado os procedimentos metodológicos, no ponto seguinte apresentamos os principais resultados que foi possível obter através do levantamento e análise realizada.

ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Iniciámos a apresentação dos resultados lembrando que durante os primeiros seis meses de cada um dos conflitos em estudo, foram identificadas 224 publicações únicas na página de Facebook do Polígrafo, distribuídos da seguinte forma: 201 fact-checks sobre o conflito Rússia-Ucrânia e 23 sobre o conflito Israel-Palestina. Em termos de distribuição cronológica, podemos verificar que no caso da guerra na Europa, é no mês de março que se regista o pico de verificações relacionadas com este conflito (Gráfico 1).

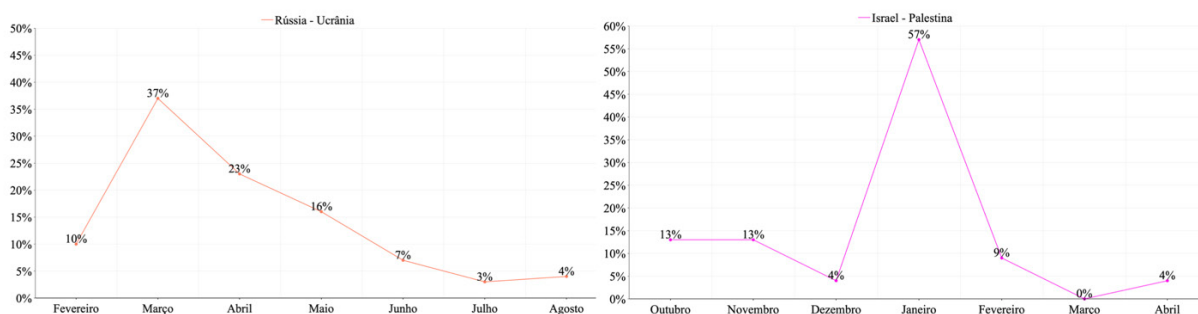


Gráfico 1. Distribuição das publicações sobre os conflitos por meses

Importa ainda referir que existe uma periodicidade assinalável em termos de publicações, ou seja, praticamente durante todos os dias do mês de março foram realizadas e publicadas verificações sobre informações relacionados com o conflito Russo-Ucraniano. Já no caso do conflito Israel-Palestina, podemos verificar que o pico de publicações e verificações se dá apenas em janeiro, apesar de o ataque inicial, por parte do Hamas, e que dá origem a este novo episódio no contexto deste já histórico conflito, ter acontecido em outubro.

Assim, no primeiro caso, observamos que depois de uma atenção inicial maior, o número de verificações vai diminuindo. Já no segundo caso, e talvez por este ser um conflito que se arrasta ao longo dos anos, as verificações começaram apenas mais tarde e não existe a mesma tendência em termos de periodicidade das verificações. Para além do fator histórico já referido, devemos também considerar que no caso da invasão da Ucrânia por parte da Rússia estamos perante um acontecimento extraordinário do ponto de vista daquilo que é a história dos conflitos na Europa, mas também perante um evento que do ponto de vista geográfico se encontra mais próximo de Portugal, o que a par da forte propaganda russa nos media sociais (Zawadzki, 2022; Treyger et al., 2022), pode ajudar a explicar a maior atenção conferida por parte do projeto de *fact-checking*.

Já em termos de interação na rede social analisada, podemos verificar que no caso do conflito Israel-Palestina, as 23 publicações analisadas tiveram apenas 15 likes, 6 comentários e 3 partilhas. Neste contexto, podemos dizer que o total de interações é reduzido, destacando-se, no entanto, o número de visualizações de uma publicação em particular, que questiona o apoio da União Europeia ao Hamas¹². No caso do conflito Rússia-Ucrânia, a situação é bem diferente, uma vez que as 201 publicações tiveram 8646 likes, 6815 comentários e 1922 partilhas.

¹² “É verdade que a União Europeia financiou o Hamas?”. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=399090272631212> Consultado a 23 de abril de 2024.

Passando para a avaliação feita pelo Polígrafo em relação a cada uma das informações verificadas, podemos perceber que no caso do conflito Rússia-Ucrânia, quase 50% das informações verificadas são classificadas como sendo “Falsas”, existindo ainda 10% que são classificadas como “Pimenta na Língua” que é, para o Polígrafo, “o grau máximo de falsidade” (Gráfico 2). Esta classificação só é atribuída “quando a informação avaliada é escandalosamente falsa ou é uma sátira, publicada num espaço satírico” (Polígrafo, 2023).

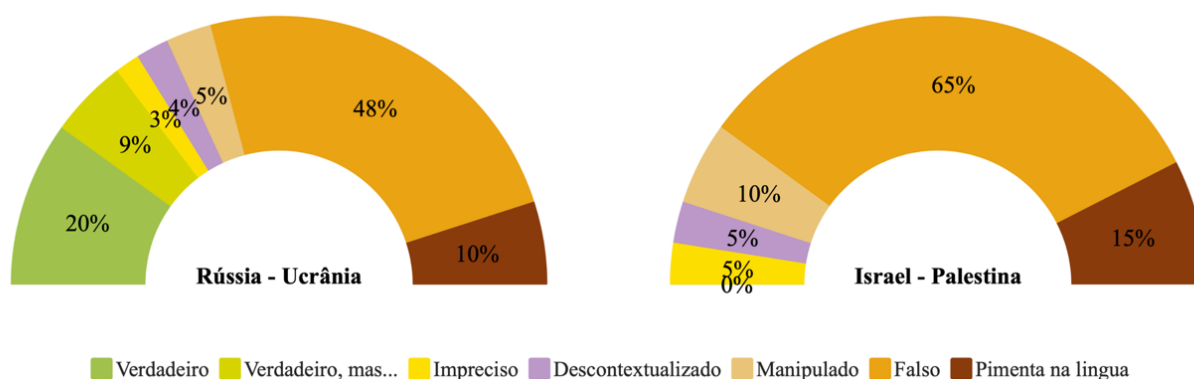


Gráfico 2. Classificações das publicações de acordo com a escala de avaliação do Polígrafo

Destaca-se, no entanto, o facto de 20% das publicações serem classificadas como “Verdadeiras” e 9% como “Verdadeiras, mas...”, algo que merece nota no contexto do *fact-checking*, sobretudo se considerarmos, no seguimento da hipótese colocada, que o facto de se focarem, quase sempre, na identificação de conteúdos falsos, pode afetar a perceção que a opinião pública tem sobre o *fact-checking* (Baptista et al., 2023b).

No caso do conflito Israel-Palestina a situação não é diferente (Gráfico 4), observando-se mesmo a ausência de verificações sobre informações que sejam consideradas “Verdadeiras”. Também neste caso o maior número de verificações diz respeito a informações que são “Falsas”, registando-se, no entanto, uma maior percentagem de conteúdos “Pimenta na Língua”, ou seja, de falsidades mais extremas.

Embora a escala de avaliação do Polígrafo já permita perceber que a grande maioria das publicações verificadas são consideradas “Falsas”, entendemos que a escala não permite ter uma compreensão mais aprofundada sobre a “desordem da informação”, ou seja, sobre os vários tipos de desinformação e informação incorreta, o que nos levou a analisar cada uma das publicações de acordo com as sete categorias propostas por Wardle e Derakhshan (2019).

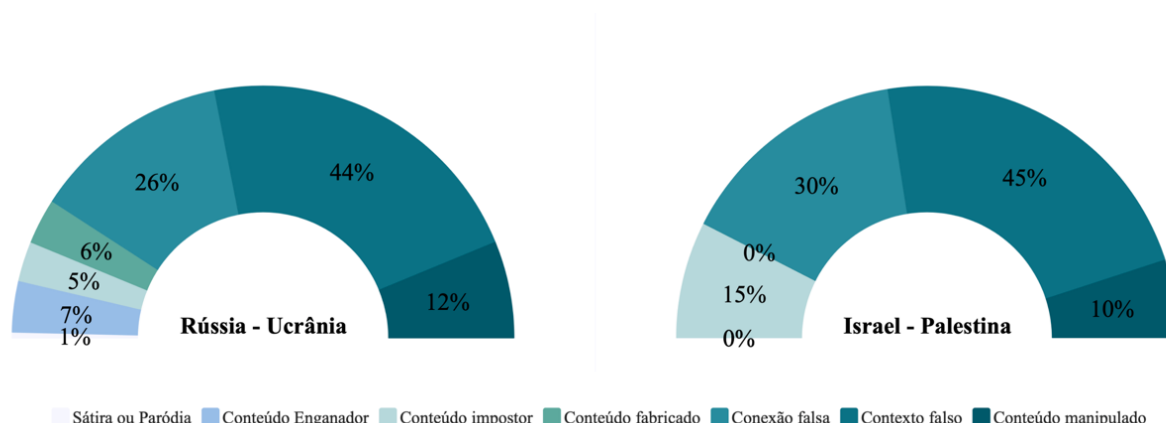


Gráfico 3. Classificações das publicações de acordo com os 7 tipos de desinformação e informação incorreta

Se é verdade que quase metade das publicações sobre o conflito Rússia-Ucrânia são “Falsas”, uma análise mais aprofundada permite-nos perceber que, na verdade, entre essas, são dominantes aquelas que apresentam “Contexto falso” (44%), seguindo-se as que apresentam uma “Conexão falsa” (26%) e um “Contexto Manipulado” (12%). Compreendemos assim que as informações avaliadas pelo Poligrafo dizem em grande parte respeito a conteúdos genuínos, mas que apresentam um contexto falso, ou seja, “são apresentados fora do seu contexto original” (Wardle & Derakhshan, 2019). Ainda que em menor número, merecem também destaque as publicações que apresentam “títulos, imagens visuais ou legendas que não suportam o conteúdo” (Wardle & Derakhshan, 2019, p. 51), ou seja, estabelecem uma conexão falsa, sendo que entre estas se destacam os conteúdos *clickbait*, destinados apenas a atrair a atenção e cliques dos utilizadores. E por fim, destacam-se ainda as publicações com “Conteúdo manipulado” (12%), ou seja, quando os próprios conteúdos verdadeiros são deliberadamente manipulados para enganar. No caso do conflito Israel-Palestina não se verificam diferenças significativas em relação aos tipos de desinformação e informação correta dominantes (Gráfico 3), destacando-se também as publicações que apresentam “Contexto falso” (45%), “Conexão falsa” (30%) e “Conteúdo manipulado” (10%).

Olhando para outra dimensão, neste caso a da origem dos

conteúdos que são verificados, podemos observar que as plataformas de redes sociais se destacam, mas não entendidas de forma genérica, uma vez que é possível identificar de forma muito concreta aquelas redes que estiveram na origem da maioria dos conteúdos verificados (Gráfico 4).

O gráfico permite observar que em mais de metade das veri-

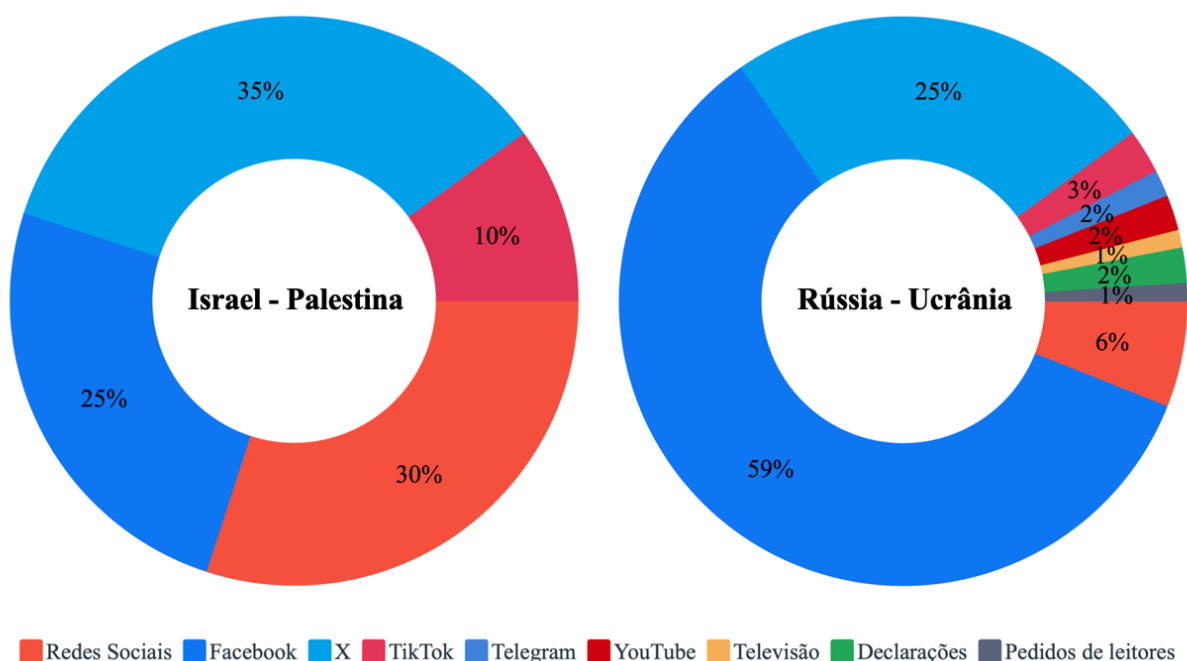


Gráfico 4. Origem das informações verificadas sobre os conflitos

ficações realizadas, a origem, ou seja, o espaço onde a informação começou a circular foi o Facebook. Importa realçar que muitas das informações acabam por passar de umas plataformas para outras, como o Polígrafo explica nas próprias verificações. No entanto, os *fact-checks* indicam também a origem, onde tudo começou, e nesse contexto a rede da Meta é aquela que sobressai da análise, seguida pelo X (antigo Twitter).

Em relação ao conflito Israel-Palestina, as plataformas em destaque são as mesmas, ainda que a distribuição seja distinta, na medida em que as redes sociais como um todo são indicadas mais vezes como os espaços onde surgiram as infor-

mações, o que pode querer dizer que existe maior dificuldade em aferir o espaço onde os conteúdos surgiram inicialmente (Gráfico 4). Por outro lado, destaca-se uma vez mais que o Facebook, o X e, neste caso, também o TikTok acabam por ser as redes mais indicadas para a origem de algumas das informações posteriormente verificadas.

Quanto à tipologia de conteúdos, percebemos que se destacam, entre as informações verificadas sobre o conflito Rússia-Ucrânia, as publicações compostas por “Texto e Fotografia” (44%), “Vídeo” (30%) ou apenas “Texto” (13%). Já no caso do conflito Israel-Palestina, destacam-se as verificações de “Vídeos” (55%) e “Fotografias” (40%). Considerando estes dados e fazendo um cruzamento com a avaliação feita pelo Polígrafo, podemos perceber que em relação ao conflito Rússia-Ucrânia, as publicações com “Texto e Fotografia” prevalecem em todas as avaliações, com exceção das verificações classificadas como “Manipulado”, onde os conteúdos dominantes são os “Vídeos”. Já no caso do conflito Israel-Palestina a situação é ligeiramente diferente, uma vez que é o vídeo que se destaca nas publicações que foram classificadas como “Descontextualizadas”, “Falsas” ou “Pimenta na Língua” (Gráfico 5).

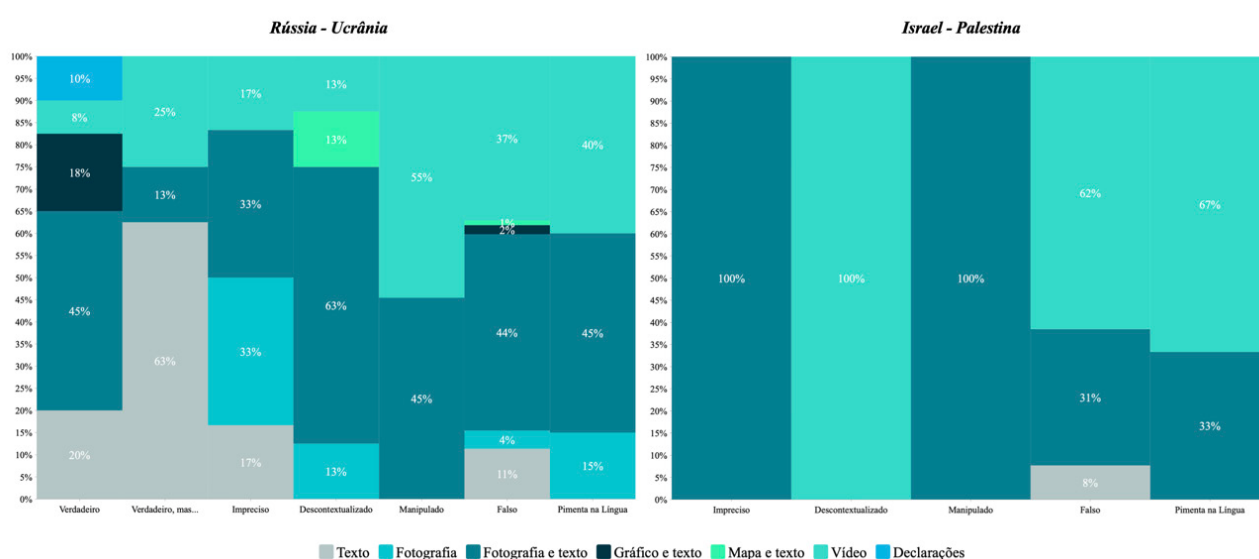


Gráfico 5. Classificação das verificações sobre o conflito de acordo com o tipo de conteúdo

Em ambos os casos podemos observar que “Texto e Fotografia” e “Vídeo” são dominantes nas avaliações feitas, o que remete para a dimensão audiovisual das publicações verificadas. Esta dimensão surge associada aquela que é a característica das próprias redes sociais digitais onde circula mais desinformação (X e Facebook) (TrusLab, 2023), e ajuda também a explicar que os tipos de desinformação e informação incorreta que prevalecem estejam relacionados com a descontextualização dos factos. Assim, percebe-se que uma das principais estratégias associada à desinformação no contexto das guerras passa por utilizar conteúdos audiovisuais verdadeiros, associados a outros conflitos ou registados noutros espaços e momentos, e adicionar-lhes contextos falsos para enganar os utilizadores. No contexto das guerras analisadas este aspeto é particularmente relevante na medida em que identificámos também que os conflitos acabam por se cruzar na própria desinformação que é veiculada, como acontece com a publicação que fala de um bombardeamento russo utilizando imagens de 2021 do conflito Israelo-Palestiniano¹³.

No que diz respeito aos atores/protagonistas em destaque, verificamos, em primeiro lugar, que são sobretudo da esfera política, e que, ou surgem nas publicações devido à sua relação direta com as guerras ou, partindo dessas, são referidos em função daqueles que são os enquadramentos nacionais feitos por cada um dos países onde a informação é veiculada. Assim, os principais protagonistas das informações verificadas são os líderes de cada um dos países, no caso da guerra na Europa, Vladimir Putin (5 menções) e Volodymyr Zelensky (12 menções), e no caso do conflito no Médio Oriente, o nome em destaque é o de Benjamin Netanyahu (1 menção). No caso do conflito Israel-Palestina existe apenas mais um ator político em destaque durante o período analisado, trata-se do Presidente do Brasil, e na sequência das declarações prestadas no âmbito de uma entrevista¹⁴. Já no caso da guerra na Europa, verificamos que para além dos nomes já referidos, e em função do tipo de enquadramento conferido à temática, encontramos em destaque nomes como *Emmanuel Macron*, *Viktor Orbán*,

¹⁴ “Lula da Silva é ilustrado como um macaco depois de declarações sobre Israel em nova capa do “The New York Times”?” Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/379427028152951> Consultado a 23 de abril de 2024.

Ursula von der Leyen, Hillary Clinton ou Joe Biden, no contexto internacional. Mas identificamos também vários nomes da esfera política nacional quando se aborda o tema do ponto de vista das opiniões ou ações que esses atores têm em relação ao conflito, surgindo nesses casos nomes como António Costa, Marcelo Rebelo de Sousa, Marisa Matias, José Gusmão, João Cotrim de Figueiredo, Paulo Portas, Adolfo Mesquita Nunes, António Lobo Xavier, João Ferreira, João Gomes Cravinho ou André Ventura. Neste contexto importa ainda destacar que várias das verificações feitas estão relacionadas com posições do Partido Comunista Português (PCP), como acontece, por exemplo, quando se questiona se “O PCP foi “o único partido” que não condenou a invasão militar ordenada por Putin?”¹⁵.

Em relação aos temas das informações verificadas, percebemos que as publicações, no caso da guerra Rússia-Ucrânia, e em linha com o que já foi identificado por outros estudos (Magallón-Rosa, 2023; EDMO, 2022), se dividem sobretudo em torno das seguintes narrativas de desinformação: publicações que alegam que não existe guerra e que os ucranianos estão a simular tudo o que os media têm vindo a reportar¹⁶; um conjunto de publicações relacionadas diretamente com o conflito e aquilo que acontece no campo de batalha, com várias publicações a apresentarem fotografias e vídeos como pertencentes ao conflito, tirando-os do seu contexto original¹⁷; várias publicações focadas nas figuras ligadas ao conflito, com destaque para Volodymyr Zelensky, que é alvo de várias tentativas de descredibilização, nomeadamente através da alegação de que é nazi e não serve para liderar, mas também recuperando imagens do seu passado ou associando-o a determinados comportamentos considerados incorretos¹⁸; publicações que acusam os meios de comunicação ocidentais de publicarem mentiras sobre o conflito¹⁹; várias publicações sobre o impacto económico da guerra e as suas consequências, nomeadamente no campo da energia, mas também do turismo, com um foco no contexto nacional²⁰.

¹⁵ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/943551726354292/> Consultado a 23 de abril de 2024.

¹⁶ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/951636912212440/> Consultado a 23 de abril de 2024.

¹⁷ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/951899992186132/> Consultado a 24 de abril de 2024.

¹⁸ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/987332198642911/> Consultado a 24 de abril de 2024.

¹⁹ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/962880721088059/> Consultado a 26 de abril de 2024.

²⁰ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/952983038744494/> Consultado a 26 de abril de 2024.

Já no caso do conflito Israel-Palestina, verificamos que os principais temas e narrativas em termos de desinformação estão associados a: publicações que se focam no que acontece no campo militar, nomeadamente na Faixa de Gaza²¹; publicações que promovem a acusação entre as duas partes em conflito, nomeadamente através da desinformação sobre símbolos e mensagens²²; publicações que se focam em descredibilizar manifestações em defesa da Palestina²³. Por outro lado, é também interessante verificar que, tal como aconteceu com a desinformação veiculada a propósito da guerra na Ucrânia, também em relação a este caso encontramos publicações que procuram associar os dois conflitos, quando por exemplo se alega que armas usadas pelo Movimento de Resistência Islâmica Hamas seriam oriundas da Ucrânia²⁴.

Terminamos desta forma a análise e apresentação dos principais resultados que foi possível obter com os dados recolhidos. No próximo ponto procedemos à discussão dos resultados, procurando relacioná-los e compará-los com evidências publicadas noutros estudos, mas daremos também conta das principais conclusões da investigação.

²¹ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/316641521098169> Consultado a 26 de abril de 2024.

²² Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/350588291036825> Consultado a 26 de abril de 2024.

²³ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/334437775985210> Consultado a 26 de abril de 2024.

²⁴ Link para a publicação no Facebook: <https://www.facebook.com/100082569698415/posts/361781926584128> Consultado a 26 de abril de 2024.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciámos este trabalho com o objetivo de explorar e analisar as verificações que foram feitas durante os primeiros seis meses dos conflitos Russo-Ucraniano, que teve início com a invasão por parte da Rússia a 24 de fevereiro de 2022, e Israelo-Palestiniano, cujo episódio mais recente foi despoletado com o ataque do Hamas a 7 de outubro de 2023. A partir deste objetivo principal definimos um conjunto de perguntas de investigação que nos guiaram durante o estudo e às quais procuramos, neste último ponto, responder.

Em relação à questão inicial (PI₁), os dados recolhidos permitiram-nos perceber que em ambos os conflitos o projeto de *fact-checking* estudado analisou sobretudo informações que foram classificadas como falsas, ainda que dentro desta avaliação existam diferentes níveis em relação aquilo que pode ser considerado falso. Foi precisamente isso que procuramos indagar com a segunda questão colocada, que procurava ajudar a perceber de forma particular quais os tipos de desinformação e informação incorreta que foram dominantes nas verificações efetuadas sobre os conflitos (PI₂). Os resultados demonstram que a grande maioria dos conteúdos apresenta contextos falsos ou conexões falsas, ou seja, a principal estratégia utilizada para fazer circular desinformação e informação incorreta passa pela utilização de conteúdos verdadeiros, mas que são tirados do seu contexto com o intuito de enganar. Associada a esta estratégia destaca-se também o uso de títulos, imagens ou legendas que não estão de acordo com o conteúdo apresentado, mas que procuram sobretudo fazer com que os utilizadores das redes sociais digitais cliquem nesses conteúdos. Esta tendência, identificada nas verificações efetuadas pelo Polígrafo, está em linha com as desinformações mais verificadas por parte de outros verificadores (Maldita.es, 2023; Magallón-Rosa, 2023; EU Disinfo Lab, 2022). Mesmo quando esse clique não acontece, o simples facto de determinados conteúdos, acompanhados de informações contextuais falsas, circularem nos *feeds* das plataformas de media sociais, contribui para que os utilizadores formem uma perceção em relação a determinados assuntos que não corresponde de todo à verdade. Este dado é ainda mais importante se considerarmos que “a invasão da Ucrânia pela Federação Russa parece ter tido um impacto substancial no aumento do evitar ativo de notícias” (Cardoso et al., 2023, pp. 83-84).

Outra das questões colocadas passava por identificar a origem das informações verificadas por parte do Polígrafo (PI₃). Os resultados apurados permitiram observar que, se é verdade que as redes sociais como um todo são onde surgem a quase totalidade dos conteúdos que são verificados pelo projeto de *fact-checking*,

podemos identificar de forma muito clara o Facebook como a plataforma onde mais vezes é partilhado o conteúdo original, que acaba posteriormente por se espalhar para as restantes redes sociais digitais. Esta conclusão vai ao encontro daquelas que têm sido as conclusões de vários estudos que apontam a rede X e o Facebook como sendo aquelas onde a circulação de desinformação é maior (TrustLab, 2023), mas também daqueles que revelam, por exemplo, que “o tema Guerra da Ucrânia é mais popular nas redes Twitter (41,8%), Facebook (39,4%) e Youtube (37,8%)” (Cardoso et al., 2023, p. 113).

Já em relação ao tipo de conteúdos mais verificado por parte do Polígrafo durante os primeiros seis meses dos conflitos (PI4), observamos que publicações com fotografias, acompanhadas de texto, mas também vídeos, estão entre as tipologias de conteúdos mais usadas para fazer circular desinformação e informação incorreta. O recurso a estes conteúdos é fácil de perceber, sobretudo quando pensamos que os tipos de desinformação que se destacaram foram aqueles que recorriam a contextos ou conexões falsas. A descontextualização de fotografias e vídeos é uma das principais tendências detetadas na desinformação sobre os conflitos armados (Maldita.es, 2023; Magallón-Rosa, 2023; EU Disinfo Lab, 2022).

Quanto aos atores e temas dominantes nas informações verificadas (PI5), concluímos que é mais fácil identificar as narrativas que se tornaram dominantes no conflito Russo-Ucraniano. Nesse caso particular, consideramos que existe uma divisão clara entre publicações mais focadas em transmitir mentiras a propósito das dimensões militares do conflito, ou seja, daquilo que acontece no campo de batalha; publicações focadas na descredibilização de figuras ligadas ao conflito, o que acontece de forma muito evidente com Zelensky, alvo das mais variadas acusações; e publicações com dados sobre as consequências da guerra do ponto de vista económico, com destaque para as questões da energia. É também neste caso que percebemos que muitos das informações verificadas e consideradas como falsas, apontam para a realidade portuguesa, ou seja, existe

uma adaptação das desinformações ao contexto e aos atores políticos nacionais. Também estas conclusões estão alinhadas com as narrativas principais identificadas nos primeiros meses de guerra por outros projetos de *fact-checking* (EDMO, 2022). No caso do episódio mais recente do conflito Israelo-Palestino, é mais difícil identificar essas tendências temáticas, até pelo número reduzido de publicações que constituem o corpus de análise. Ainda assim, podemos concluir que se mantém a tendência de circulação de publicações falsas sobre o que se passa na frente de combate; e outro conjunto de publicações focadas em desacreditar, ou pelo menos tirar força, às manifestações a favor da Palestina.

Para além das questões de investigação, a que já demos resposta, colocámos também quatro hipóteses de trabalho. No caso da primeira (H1), confirma-se, pelo menos em parte, uma vez que os *fact-checks* realizados pelo Polígrafo se focam sobretudo na identificação de informações falsas que circulam nas redes sociais digitais. Não podemos afirmar com certeza que essa abordagem contribua para a criação de determinados enquadramentos sobre os conflitos Russo-Ucraniano e Israelo-Palestino, mas se pensarmos naqueles que são os tipos de desinformação e informação incorreta mais comuns, acreditamos que um *fact-checking* demasiado centrado em conteúdos falsos, pode contribuir para uma desacreditação da própria verificação e condicionar a perceção que as pessoas acabam por ter em relação aos conflitos, sobretudo se nos lembrarmos que existe muito ceticismo em relação às práticas dos *fact-checkers* (Baptista et al., 2023b). A segunda hipótese (H2) também se confirma, uma vez que a grande maioria das verificações realizadas pelo Polígrafo apresenta efetivamente características comuns quanto ao tipo de desinformação e informação incorreta, origem e conteúdo. Concluímos que a maioria das publicações verificadas circula no Facebook, é composta por fotografia ou vídeo acompanhado de texto, e apesar de os conteúdos apresentados nessas publicações serem na maioria verdadeiros, percebemos que são parcial ou totalmente descontextualizados com o intuito de enganar. Já

em relação à desinformação e informação incorreta veiculada sobre os conflitos entre Rússia-Ucrânia e Israel-Palestina apresentar características comuns, em termos de tipologia, origem e conteúdo (H1₃) podemos concluir que pelo menos parcialmente a hipótese confirma-se. As publicações com contexto ou conexão falsa destacam-se nos dois conflitos e o Facebook é efetivamente a rede social digital onde surgem a maioria dos conteúdos relativos aos dois conflitos. No entanto, o tipo de conteúdo prevalente no caso do conflito Russo-Ucraniano é a fotografia acompanhada de texto, enquanto que no conflito Israel-Palestiniano, o destaque vai para o vídeo.

Por fim, nas informações verificadas pelo Polígrafo, relacionadas com os conflitos entre Rússia-Ucrânia e Israel-Palestina, não podemos dizer que existe um foco em assuntos e atores da realidade portuguesa (H1₄), o que nos leva a refutar a quarta hipótese. O foco de grande parte das publicações e das verificações feitas é a dimensão internacional dos conflitos, sendo também atores como Zelensky, Putin ou Netanyahu que surgem em destaque. No entanto, uma parte das publicações verificadas têm um foco nacional, quando por exemplo se procura amplificar as consequências que o conflito na Europa pode ter para o país, quando se destacam as ações e comportamentos de atores políticos, ou ainda quando se analisam as manifestações feitas no nosso país e se indaga sobre o apoio às diferentes partes envolvidas no conflito.

As conclusões que apresentamos devem ser entendidas no âmbito de uma investigação que tem as suas limitações, a começar no tipo e profundidade da análise realizada. Embora tenha sido considerado um período de tempo igual para os dois conflitos, o número desigual de verificações também limita as conclusões, fazendo com que o trabalho acabe por estar mais centrado no caso do conflito Russo-Ucraniano. Apesar destas limitações, e de muitas outras que podem ser apontadas à investigação, consideramos que o trabalho é relevante no contexto dos estudos que têm vindo a ser feitos sobre o papel do “*fact-checking* de guerra ou bélico”, podendo abrir caminho

para novas investigações que procurem explorar, por exemplo, o efeito de contaminação que existe em termos da desinformação sobre conflitos ou guerras distintas. Como tivemos oportunidade de verificar, em alguns casos, muitas das imagens e vídeos utilizados nas narrativas sobre a guerra entre a Rússia e Ucrânia eram na verdade relativos a episódios mais antigos do conflito Israelo-Palestiano. Esta é uma tendência que acreditamos que seria interessante investigar no âmbito dos estudos sobre *fact-checking* bélico e considerando que em tempos de conflito ou guerra, a desinformação será sempre uma arma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Morais, R., & Grafolin, T. (2023). Publicar primeiro, verificar depois: uma reflexão sobre a credibilidade do jornalismo e o papel das organizações de verificação de fatos. *Revista Eco-Pós*, 26(3), 223–248. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i3.28000>
- Almeida-Santos, C., Peixinho, A.T., Lopes, F., & Araújo, R. (2023). Fact-checks: la liquidez de un género. Un estudio de caso portugués en un contexto pandémico. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 29 (2), 259-272. <https://dx.doi.org/10.5209/esmp.85827>
- Baptista, J. P., Rivas-de-Roca, R., Gradim, A., & Loureiro, M. (2023a). The Disinformation Reaction to the Russia–Ukraine War: An Analysis through the Lens of Iberian Fact-Checking. *KOME - An International Journal of Pure Communication Inquiry*, 11(2), 27-48. <https://doi.org/10.17646/KOME.of.2>
- Baptista, J. P., Gradim, A., Loureiro, M., & Ribeiro, F. (2023b). Fact-checking: uma prática recente em Portugal? Análise da percepção da audiência. *Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”*, 16(1), 1-28. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.12426>

- Baptista, J. P., & Gradim, A. (2022). Online Disinformation on Facebook: The Spread of Fake News during the Portuguese 2019 Election. *Journal of Contemporary European Studies*, 30(2), 297–312. <https://doi.org/10.1080/14782804.2020.1843415>
- Berger, G. (2019). Prefácio. In C. Ireton & J. Posetti (Eds.), *Jornalismo, Fake News & Desinformação. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo* (pp. 7-14). Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).
- Burel, G., & Alani, H. (2023). The Fact-Checking Observatory: Reporting the Co-Spread of Misinformation and Fact-checks on Social Media. *34th ACM Conference on Hypertext and Social Media (HT '23)*. Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, Article 4, 1–3. <https://doi.org/10.1145/3603163.3609042>
- Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2023). Obercom - Reuters Institute for the Study of Journalism. Digital News Report Portugal 2023. OberCom – Observatório da Comunicação. Disponível em: https://obercom.pt/wp-content/uploads/2023/06/DNRPT_2023_Final_15Junho.pdf Consultado a 04 abr. 2024.
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª ed.). Edições Almedina
- EDMO (2022). *EDMO 2022 Annual conference*. EDMO. Disponível em: https://edmo.eu/wp-content/uploads/2022/09/2022-AC_Report_updated-Jan-2023_PDF.pdf Consultado a 04 abr. 2024.
- EU Disinfo Lab (2022). *Narratives and hoaxes. Ukraine war resource hub*. Disponível em: <https://www.disinfo.eu/ukraine-hub> Consultado a 23 abr. 2024.
- Ferreira, M., & Amaral, I. (2022). The role of fact-checking in fighting the 'info-demic' of disinformation on Covid-19: a case study of Polígrafo. In J. C. Correia, P. Jerónimo & I. Amaral (Eds.), *Disinformation Studies: Perspectives from an Emerging Field* (pp. 237-264). LabCom Books. Disponível em: https://labcomca.ubi.pt/wp-content/uploads/2022/11/2022_DisinformationStudies_JCorreiaPJeronimoIAmaral.pdf Consultado a 23 abr. 2024.

- Ireton, C., & Posetti, J. (2019). Introdução. In C. Ireton & J. Posetti (Eds.), *Jornalismo, Fake News & Desinformação. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo* (pp. 15-26). Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).
- Mantzarlis, A. (2019) Verificação dos Fatos. In C. Ireton & J. Posetti (Eds.), *Jornalismo, Fake News & Desinformação. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo* (pp. 87-102). Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).
- Magallón-Rosa, R., Fernández-Castrillo, C., & Garriga, M. (2023). Fact-checking in war: Types of hoaxes and trends from a year of disinformation in the Russo-Ukrainian war. *Profesional de la información*, v. 32, n. 5, e320520. <https://doi.org/10.3145/epi.2023.sep.20>
- Maldita.es (2023). “#UkraineFacts: Las 10 desinformaciones más veces desmentidas por los verificadores un año después del inicio de la guerra”. *Maldita.es*, 23 febrero. Disponível em: <https://maldita.es/malditobulo/20230223/ukrainefacts-10-desinformaciones-mas-desmentidas> Consultado a 23 abr. 2024.
- Palacios, M. (2019). Fake news e a emergência das agências de checagem: terceirização da credibilidade jornalística? In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono* (pp. 77-90). Húmus.
- Pérez-Díaz, P.L., & Albert-Botella, L. (2022). Fact-Checking on COVID-19 After a Year of Global Infodemic. Analysis of Digital Misinformation in Spain, Portugal and Latin America. In: Á. Rocha, D. Barredo, P.C. López-López, & I. Puentes-Rivera (Eds.), *Communication and Smart Technologies* (pp. 173-183). ICOMTA 2021. Smart Innovation, Systems and Technologies, vol 259, Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-16-5792-4_18
- Posetti, J., & Matthews, A. (2018). A Short Guide to the History of ‘Fake News’ and Disinformation: A New ICFJ Learning Module. International Center for Journalists. Disponível em: <https://www.icfj.org/news/short-guide-history-fake-news-and-disinformation-new-icfj-learning-module> Consultado a 23 abr. 2024.
- Rivas-de-Roca, R., & Pérez-Curiel, C. (2023). Global political leaders during the

COVID-19 vaccination: Between propaganda and fact-checking. *Politics and the Life Sciences*, 42(1), 104–119. <https://doi.org/10.1017/pls.2023.4>

- Stencel, M., Ryan Erica Luther, J. (21 de junho de 2023). *Misinformation spreads, but fact-checking has leveled off. 10th annual fact-checking census from the Reporters' Lab tracks an ongoing slowdown*. Duke Reporters' Lab. <https://reporterslab.org/misinformation-spreads-but-fact-checking-has-leveled-off/>
- Treyger, Elina, Joe Cheravitch, and Raphael S. Cohen, Russian Disinformation Efforts on Social Media. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2022. https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR4373z2.html. Also available in print form.
- TrustLab (2023). *Code of Practice on Disinformation. A Comparative Analysis of the Prevalence and Sources of Disinformation across Major Social Media Platforms in Poland, Slovakia, and Spain*. Semi-Annual Report. Disponível em: <https://disinfocode.eu/wp-content/uploads/2023/09/code-of-practice-on-disinformation-september-22-2023.pdf> Consultado a 23 abr. 2024.
- Vosoughi, S., Roy, D., & Aral, S. (2018). The Spread of True and False News Online. *Science*, 359(6380), 1146–1151. <https://doi.org/10.1126/science.aap9559>
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2019). Reflexão sobre a “Desordem da Informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má-informação. In C. Ireton & J. Posetti (Eds.), *Jornalismo, Fake News & Desinformação. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo* (pp. 46–58). Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).
- Yin, R. (1994). *Case study research: design and methods* (2ª ed.) Thousand Oaks, SAGE Publications.
- Zawadzki, T. (2022). Examples of Russian information war activity at the beginning of Ukrainian crisis. International conference: *Knowledge-based organization*, 28(1), 146–150. <https://doi.org/10.2478/kbo-2022-0023>
- Zeng, Y., Ding, X., Zhao, Y., Li, X., Zhang, J., Yao, C., Liu, T., & Qin, B. (2024). RU-22Fact: Optimizing Evidence for Multilingual Explainable Fact-Checking on Russia-Ukraine Conflict. *arXiv preprint arXiv:2403.16662*. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2403.16662>

RICARDO MORAIS

Doutor em Ciências da Comunicação e Mestre em Jornalismo pela Universidade da Beira Interior (UBI). Atualmente é Professor Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi Professor Auxiliar na Faculdade de Design, Tecnologia e Comunicação (IADE) da Universidade Europeia [2020-2022] e Professor Auxiliar Convidado na Universidade da Beira Interior [2013-2022]. É investigador do projeto MediaTrust.Lab - Laboratório de Media Regionais para a Confiança e Literacia Cívicas e foi investigador do projeto Remedia. Lab - Regional Media Lab & Incubator, ambos desenvolvidos no LabCom - Comunicação e Artes.

É Investigador Integrado da unidade de investigação CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, onde integra o grupo Informação, Comunicação e Cultura Digital. É ainda Membro Colaborador do LabCom - Comunicação e Artes, onde integra o grupo Comunicação e Media e Membro Colaborador Estrangeiro no Grupo de pesquisa Multimundos - Estudos Interdisciplinares das Tensões Contemporâneas, da Universidade Federal de Mato Grosso. Entre 2022 e 2024 foi coordenador do GT de Comunicação e Política da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação - SOPCOM. Tem centrado a sua pesquisa e publicação no campo do jornalismo, novos media, rádio e podcasts, participação e comunicação política.